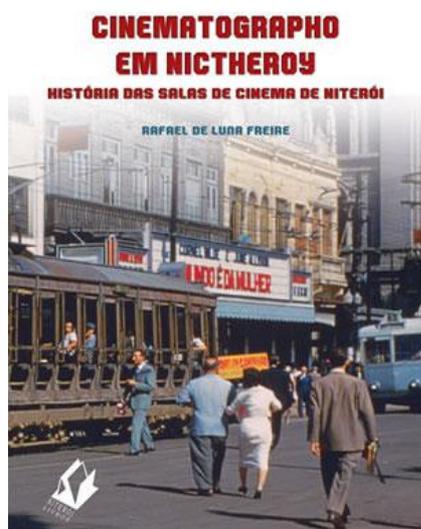


Cinemas de Niterói em revista:

*por uma historiografia das salas de exibição cinematográfica na
antiga capital fluminense*

Márcia Bessa¹



Resenha

FREIRE, Rafael de Luna. *Cinematographo em Nicttheroy: história das salas de cinema de Niterói*. Niterói, RJ: Niterói Livros; Rio de Janeiro: INEPAC, 2012. 264 p.

¹ Márcia Bessa possui doutorado em Memória Social (PPGMS/UNIRIO) - bolsista CAPES/DS -, mestrado em Ciência da Arte e graduação em Comunicação Social - Habilitação Cinema e Vídeo - pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Desenvolveu estágio de doutorado no exterior (Doutorado-sanduíche) no Department of Cinema & Media Studies da University of Chicago (2012.1) - bolsista PDSE/CAPES - sob a orientação do PhD. Tom Gunning. Atualmente é diretora-executiva da MP2 Produções.
e-mail: marciabessa@bol.com.br

O seletos *hall* de autores, que atualmente se debruçam sobre o tema do meio exibidor brasileiro, encontra em Rafael de Luna Freire um pesquisador vigoroso, responsável e fascinado por seu objeto; sem, no entanto, deixar-se levar pela nostalgia que poderia lhe fazer perder os frutos de um distanciamento crítico produtivo. Fazendo parte de uma nova leva de pesquisadores formados pela academia, Freire consegue unir o rigor do trabalho científico ao charme e detalhamento histórico dos escritos que tratam sobre a exibição cinematográfica fluminense em gerações antecedentes. Seu texto é fluido, inteligente e repleto de atrativas curiosidades.

Cinematographo em Nictheroy... – produzido através do Edital Público *Memória Fluminense - Livros de História e Patrimônio Cultural local ou regional* (2011), do INEPAC/Secretaria de Estado de Cultura-RJ – apresenta um trabalho de pesquisa minucioso alinhavado por notícias de jornais, referências de artigos, material iconográfico, livros e publicações acadêmicas. Criado em Niterói, Freire se debruça sobre a história da exibição cinematográfica da antiga capital do Estado do Rio de Janeiro sem deixar de relacioná-la com o que ocorria simultaneamente no outro lado da Baía de Guanabara. Mas, *Cinematographo em Nictheroy...* não é somente um texto que recupera uma historiografia das salas de cinema da *terra de Arariboia*, como revela ainda os modos como os cinemas seguem de perto as transformações sociais, urbanas e comportamentais numa cidade de médio porte, desde o início do século XX aos dias atuais. Os aspectos físicos e arquitetônicos das salas, os formatos de exibição, os gêneros de filmes em cartaz, o perfil econômico da atividade, a distribuição geográfica dos cinemas, as feições cotidianas da cidade e a frequência. Um panorama que oferece fundamental contribuição para os estudos sobre a recepção cinematográfica brasileira.

Os pouco mais de trinta minúsculos capítulos da obra roteirizam pequenas e prazerosas histórias sobre a vida cidadina e sobre as *idas ao cinema* em Niterói ao longo de décadas... Desde os primeiros estabelecimentos que abrigaram o espetáculo das *imagens em movimento* na cidade-sorriso, passando pelos exibidores itinerantes, a implantação do cinema sonoro, as transformações físicas e tecnológicas das salas de exibição, a chegada dos *cinemas de galeria* e do *drive-in*, a decadência dos cinemas nas ruas até os reflexos da implantação das salas de

projeção em *shopping centers*; o livro de Freire aborda questões de grande relevância para o aprofundamento da história da exibição cinematográfica no Brasil. Com endereços, arquiteturas e públicos variados os *cinemas de rua* viveram anos gloriosos. Pouco mais de cem anos depois não podemos contar nenhuma *dessas salas* niteroienses dentre as sobreviventes. Um processo de apagamento que traz consequências para a cidade, o patrimônio cultural e o próprio parque exibidor nacional. Aquelas salas se transmutaram. As salas de exibição parecem ter sua morte anunciada nas ruas para sobreviver nos *shopping centers* – nos multiplex.

Cinematographo em Nictheroy... pode ser dividido em seis grandes unidades temáticas, que organizariam seus trinta e quatro pequenos capítulos² em blocos mais ou menos articulados e coesos. No primeiro grupo tópico, reunimos os quatro primeiros capítulos³ do livro num perfil histórico da formação da cidade de Niterói, as origens do cinema e o aporte do cinematógrafo no Rio de Janeiro e em sua capital – com especial ênfase nas reconfigurações urbanas e nas transformações dos modos de viver da população advindas da modernidade. O espaço público torna-se, nesse contexto, como que um *locus* de vivência social e um mercado de diversões, inicialmente voltado para as elites econômicas. Algumas partes da Capital Estadual começam a *civilizar-se* e o combate às endemias, o *bota-abaixo* do casario colonial, o incentivo ao consumismo e a reconfiguração do traçado urbano viabilizam um novo cenário, propício à elevação do espírito e à difusão de regras sociais mais afinadas com um regime de convivência urbana. As melhorias funcionais, estéticas e higienizadoras urbanísticas foram aplicadas a certas partes da cidade enquanto outras áreas – menos privilegiadas – foram deixadas de lado. Numa análise relacional entre o que vinha ocorrendo em Niterói e no território carioca, o autor pontua seu texto com relevantes informações do tipo: nos moldes da Avenida Central carioca, “[...] frequentar a arejada [Visconde do] Rio Branco tornou-se algo tão corriqueiro quanto essencial que fez surgir a

² Excetuando elementos pré-textuais e pós-textuais.

³ Das páginas 09 a 31 – capítulos: “Breve introdução às origens de Niterói e do cinema;”, “A chegada do cinema ao Rio de Janeiro e a Niterói”, “Niterói ressurgiu” e “Fazer a avenida”.

expressão ‘fazer a avenida’ [...]” (FREIRE, 2012, p. 28, acréscimo nosso). Nesse novo espaço urbano, as salas de cinema, erguidas em meio às principais casas comerciais, “tornavam-se referências para moradores e transeuntes, organizando o circular pelas ruas e a descrição do ambiente. Em pouco tempo, os cinematógrafos tinham se espalhado por toda a extensão da Avenida Visconde do Rio Branco [...]” (FREIRE, 2012, p. 31).

E assim, com essa *febre dos cinematógrafos*, iniciamos a segunda unidade de *Cinematographo em Nictheroy...*, que nos traz os dez capítulos⁴ seguintes agrupados num panorama dos primórdios da atividade cinematográfica no Rio de Janeiro e em Niterói. Começando sua trajetória de entretenimento tecnológico nos salões e barracões, as salas de projeções cinematográficas niteroienses vão logo assentar-se em quatro de seus principais cinemas (década de 1910): *Polyterpsia*, *Rio*, *Royal* e *Éden*. O cinema encontrou a cena teatral de Niterói restrita basicamente ao Theatro Municipal João Caetano e à atuação de alguns *Clubs*⁵. Vem dessa época também o fato de alguns cinemas transformarem-se em *cineteatros* para alternar espetáculos de palco e tela com o intuito de aumentar sua receita. Nas palavras do autor (FREIRE, 2012, p. 67), “[...] notava-se exatamente naquele momento que surgia na cidade o teatro-cinematográfico ou o cinematográfico-teatral, com a montagem de peças nos palcos dos cinemas Rio e Hélios, com ingressos baratos [...]” – a preços equiparados às entradas dos cinemas – e espetáculos divididos por sessões. A voga das *revistas de costumes locais* – encenações teatrais que misturavam humor, dança e números musicais, *passando em revista* fatos da vida niteroiense – perduraria até 1917.

A terceira parte dessa *história das salas de cinema de Niterói* contempla mais

⁴ Das páginas 32 a 76 – capítulos: “A febre dos cinematógrafos”, “Salões e barracões...”, “Os quatro principais cinemas de Niterói nos anos 1910”, “Polyterpsia”, “Rio”, “Royal”, “Éden”, “Os cinemas no novo cenário urbano”, “Telas e ribaltas” e “Niterói nos palcos dos cinemas”.

⁵ Grupos teatrais geralmente formados por membros da alta sociedade e artistas amadores pertencentes a famílias abastadas locais, cujos espetáculos revertiam suas rendas a ações filantrópicas.

seis capítulos seguintes⁶ da obra de Rafael Freire e repercute a consolidação do cinema *enquanto cinema*. O ato de *ir ao cinema* torna-se *um hábito*. Os filmes e as salas de exibição cinematográfica também se modificam. Nessa unidade ganham espaço a programação dos cinemas e informações sobre os filmes e astros. As mazelas (na opinião de muitos) trazidas pela vida citadina moderna – prostituição, boemia, espaço público compartilhado heterogeneamente, bolinas, batedores de carteiras etc. – refletidas na sala escura do cinema ensejam pleitos de controle comportamental-institucional não somente de forma moral, mas também ao nível social e econômico. O objetivo era promover o *locus* do cinema como um espaço familiar e burguês. As crescentes despesas dos exibidores, as limitações impostas pelo fim da Primeira Guerra Mundial, a alta do dólar, o aumento dos impostos taxados pelas distribuidoras norte-americanas dentre outros fatores vão acarretar a elevação do preço dos ingressos cinematográficos. Começa a era de grande influência do cinema hollywoodiano. “Nesse contexto [...], emergia na sociedade brasileira uma nova mulher que, na cidade remodelada, se tornava muito mais presente e visível no espaço fora de casa, saindo sozinha às ruas (melhor iluminadas e servidas de bondes) e frequentando os cinemas (FREIRE, 2012, p. 88)”. Como símbolo do novo e do moderno, o cinema influenciava a escrita de muitos cronistas e poetas. E, como uma lembrança pitoresca e ilustrativa desse contexto, Freire destaca a figura do artista boêmio Lili Leitão – poeta, humorista e autor teatral – que teve o cinema como tema de alguns de seus textos. Niterói assiste à inauguração de novos e maiores cinemas, porém esses edifícios ainda são os mesmos sobrados adaptados de outrora. Em meados dos anos 1920, o *Royal* e o *Éden-Cine-Theatro* continuam sendo os principais cinemas da cidade. Numa década de novidades em Niterói, assistimos ao primeiro lançamento *em circuito*, à inauguração dos primeiros *cinemas de bairro* e à estreia do primeiro *palácio cinematográfico*⁷ – *Cine-Theatro Imperial* (1928) – da cidade. Era a época

⁶ Das páginas 77 a 130 – capítulos: “O cinema se consolida como... cinema”, “No escurinho do cinema”, “Cinema boemia e literatura”, “Mais e maiores cinemas”, “Palácios de cinema para joias de Hollywood” e “Desejo pelo progresso e a influência do cinema”.

⁷ “[...] Podem ser utilizadas as terminologias *palácio do(e) cinema*, *movie palace* ou *picture palace* como

das “melhorias” na cidade – esgoto, porto, arruamentos, novos prédios públicos, arranha-céus –, mas também do aumento dos alugueis, da especulação imobiliária, da elitização dos bairros (sobretudo da orla). Assim, os filmes são elevados ao *status* de grandes obras e o espetáculo cinematográfico atinge um importante patamar de pompa e suntuosidade. Niterói findava a década de 1920 com oito cinemas funcionando, “sendo cinco no Centro (*Royal, Éden, Colyseu, Imperial e Central*) e outros três nos bairros (*Brazil, Santa Rosa e Fonseca*). O circuito exibidor niteroiense, de fato, crescera solidamente às vésperas do fim da era do cinema silencioso” (FREIRE, 2012, p. 112). O fim desse período chegaria através de dois fatos consecutivos: o advento do cinema sonoro e a grande crise que o *crash* da Bolsa de Valores de Wall Street iniciara. Tais importantes acontecimentos trouxeram uma renovação dos realizadores e dos atores, além de um reforço do controle de Wall Street sobre a arte e a indústria cinematográficas.

Nessa quarta sessão⁸ de nossa análise de *Cinematographo em Nictheroy...*, o carro-chefe é a chegada do *cinema sonoro*⁹ *propriamente dito* em Niterói. Dizemos *propriamente dito*, porque as primeiras experiências com som em cinemas da cidade ocorreram alguns anos antes da chegada do cinema falado ao Brasil (1929). Supreendentemente, Niterói vai ostentar o título de terceira cidade brasileira a apresentar o cinema sonoro, com a instalação da primeira

sinônimos da expressão *palácio cinematográfico*. Os *palácios de cinema* “[...] figuram dentre as salas de exibição cinematográfica erguidas nas calçadas citadinas em meio às construções urbanas habituais, que primam por apresentar construções arquitetônicas com planejamento de luxo e requinte, gigantescos templos com capacidade para um número maior do que 1.000 espectadores e presença mais marcante na paisagem urbana. Segundo José Carlos Avellar (1996, p. 9), algumas dessas espetaculares salas de exibição cinematográfica situam-se estruturalmente num “[...] meio termo entre um palácio e uma igreja [...]”. Esses grandes templos começam a ser construídos no Rio de Janeiro (e no Brasil) – em projetos intimamente ligados aos planos de expansão das exibidoras norte-americanas – a partir da segunda metade da década de 1920, tendo como marco preliminar por aqui a inauguração dos novos cinemas da Cinelândia carioca” e vão perpetuar sua expansão no mercado exibidor no Rio de Janeiro até a década de 1950 (SOUSA, 2013, p. 18-19).

⁸ Das páginas 131 a 168 – capítulos: “O cinema sonoro em Niterói”, “Mudanças no circuito exibidor”, “Florescimento da Zona Sul”, “Em clima de guerra” e “País do futuro”.

⁹ Som e imagem em perfeito sincronismo.

aparelhagem RCA (*Radio Corporation of America*), concorrente da Western Electric, no *Cine-Theatro-Imperial* (1929). Pesquisador cauteloso, Rafael de Luna Freire, atenta para as relações existentes entre os contornos políticos, sociais e econômicos mundiais – especialmente no que se refere à nova potência global do pós-guerra: os EUA – e as (re)configurações da atividade cinematográfica. Nesse sentido, as transformações pelas quais passa o cinema falado, o *crack* da Bolsa de Valores de New York (Wall Street, 1929) e a diminuição da oferta de filmes norte-americanos enchem de esperança os realizadores brasileiros. Porém, os exibidores enfrentam dificuldades – especialmente os pequenos cinemas dos subúrbios e do interior – para se adequar às novas exigências dos filmes sonoros. O Centro da cidade começa a esboçar uma divisão muito clara entre um lado desenvolvido (São Domingos) e outro degradado (Ponta D’Areia). A época de incremento no setor de lazer de Niterói – com clubes, hotéis, cassinos, esportes, banho de mar – coincide com a opção dos cinemas locais por uma arquitetura mais funcional, simples e geométrica; contando ainda com a baixa do preço dos ingressos e fortalecimento da atividade exibidora. A segunda metade dos anos 1940 traz novos cinemas para a cidade e um certo prestígio do filme brasileiro. O *Cine Icaraí* (na orla) é inaugurado em 1945. As diferenciações e afinidades entre as biografias das salas de cinema das cidades Niterói e Rio de Janeiro – presentes ao longo de toda a obra de Freire – devem ser ressaltadas como contraponto especial desse conjunto de capítulos que vai do cinema sonoro às promessas de um novo Brasil em fins da Segunda Guerra Mundial. Porém, no pós-Guerra o cinema não seria mais o mesmo.



Cinema Mandaro, inaugurado em dezembro de 1940 no bairro de Santa Rosa, em Niterói.¹⁰

A quinta unidade estrutural do livro de Rafael de Luna Freire contém sete capítulos¹¹, cuja temática das salas de cinemas niteroienses desenvolve-se no período consecutivo ao término da Segunda Guerra e o início do fim dos cinemas de rua nos anos 1980. Sem se distanciar de sua experiência pessoal de espectador e morador de Niterói, porém mantendo um afastamento crítico adequado; o autor investiga rigorosamente as transformações mais recentes na exibição cinematográfica da cidade. Na década de 1950, o cinema – que vivia uma espécie de auge antes da crise – continuava sendo a principal opção de entretenimento em Niterói. De suas treze salas de exibição, a maior parte estava agora localizada fora da Região Central. E apesar de Niterói ocupar a nona posição nacional em número de salas, a colapso não tardaria a acontecer. Os ingressos ficam bem caros e passam a ser tabelados em função de uma hierarquização das salas de exibição. Mas é também o momento de atração pela

¹⁰ Cinema Mandaro, s.d. [1940]. Fotógrafo Manoel Fonseca. Coleção Manoel Fonseca, Divisão de Documentação e Pesquisa, Fundação de Artes de Niterói. Cortesia de Fundação de Artes de Niterói.

¹¹ Das páginas 167 a 217 – capítulos: “Novos cinemas, velhas questões”, “Cinema espetáculo”, “Cinema arte”, “Grande cidade, grandes problemas”, “Crise do mercado e os cinemas de galeria”, “Tempos modernos” e “Cinemas e carros”.

tecnologia, com o aparecimento de telas panorâmicas (*CinemaScope*), do 3D, do 70 mm. A cidade-dormitório dá lugar à cidade universitária, com a fundação da Universidade Federal Fluminense (UFF), em 1960. Posteriormente, em 1968, o *cinema de arte* ganharia uma casa em Niterói com a inauguração do *Cine Arte UFF*. Os *Anos de Chumbo* vêm junto com o grande crescimento populacional, o incremento da especulação imobiliária, o adensamento das favelas, o caos urbano (engarrafamentos, camelôs, falta de estacionamento, filas, sujeira nas ruas e praias) e a ineficácia de políticas públicas. Põe-se em xeque a segurança das casas de diversões, notadamente após a tragédia do Gran Circo Norte-Americano (1961). No entendimento de Freire, nessa época, quase todas os cinemas de Niterói vão apresentar irregularidades como a ausência de sinalizações de emergência; “extintores de incêndio inexistentes ou em condição irregular; presença de material de fácil combustão; instalações elétricas precárias com risco de curto-circuito; e portas de saída não apropriadas, inadvertidamente fechadas por trancas ou em número insuficiente para a lotação da casa” (2012, p. 198). O setor exibidor enfrenta grandes dificuldades e muitas empresas pedem concordata. As salas de *segunda linha* fecham suas portas e os poucos cinemas que sobrevivem diminuem sua lotação. Sinais de degradação urbana – sobretudo no Centro -, descaso das autoridades, aumento da violência urbana e elitização do público de cinema são algumas das causas de fechamento dos *cinemas de rua*. Nessa época, surgem um *drive-in* (1974) e dois *cinemas de galeria* – *Cinema I* e *Cine Center* (1975). Em 1974, inaugura-se também a Ponte Rio-Niterói. A chegada do videocassete, no início dos anos 1980; o aparecimento dos videoclubes e salas de vídeo; e o *boom* das videolocadoras (1989) fazem com que o público de cinema se reduza ainda mais.

Nossa sexta e última macro-condensação temática e analítica de *Cinematographo em Nictheroy...* contém apenas dois capítulos¹². A década de 1980 marca o fim dos cinemas de bairro em Niterói, a resistência das salas de exibição de Icaraí, o início das projeções em *shopping centers* e a difusão da programação erótica e pornográfica. Em meio à recessão econômica e à inflação

¹² Das páginas 218 a 236 – capítulos: “O fim dos cinemas de bairro...” e “Onze salas”.

galopante, os *cinemas de galeria* e os últimos *cinemas de rua* encerram suas atividade na cidade. Uma *ida ao cinema* em Niterói, agora, passa necessariamente pelos corredores de um *shopping center*. Aqui, entendemos a razão pela qual o número 11 (onze) tem tanta relevância para o autor do livro – mesmo que o montante de salas de cinema de Niterói tenha alternado outras quantidades – ao constatarmos o *boom* populacional ocorrido em 20 anos. A *terra de Arariboia* tem atualmente 11 salas de exibição cinematográfica – como teve em meados dos anos 1970 (numa proporção de 30 moradores por poltrona de cinema) e no início dos anos 1990 (79 espectadores por lugar). Seu número de habitantes cresceu sobremaneira e a renovação de seu parque exibidor não o acompanhou nem de longe. Em 2012, a quantidade de salas de exibição cinematográfica continua a mesma por lá... 11. E como estaria a relação habitante/poltrona? Assim: 201 niteroienses para um lugar em frente à grande tela. E as onze salas de cinema atuais de Niterói habitam unicamente o centro da cidade e o interior de centros comerciais.

Rafael de Luna Freire guarda ainda para o final uma grata surpresa em seu pessoal epílogo. Ali, o niteroiense de coração, se permite reavivar memórias afetivas – conscientes de que estão contaminadas (no bom sentido!) de inúmeras outras memórias individuais e coletivas – de sua relação com sua cidade e seu cinema. Para além das questões técnicas, estéticas e urbanas; “*Cinematographo em Nictheroy: história das salas de cinema de Niterói*” se sobressai pelos planos paralelos – livres de medos e preconceitos – comparativos entre o que ocorria na ex-capital do Estado do Rio de Janeiro, e em sua grande vizinha carioca, e do cinema como importante fator de sociabilidade. Esses estabelecimentos culturais não são (ou eram) simplesmente salas de projeção. São espaços de socialização comunitária e de construção da cidadania. Com o desaparecimento do circuito exibidor das vias públicas interdita-se lugares vitais de lazer e cultura cidadinos. E a vida vai sumindo das ruas. Elimina-se assim um ponto de encontro, um local de discussão, um espaço de vivência genuinamente urbano.

Dentro do campo de pesquisas sobre exibição e recepção cinematográfica, o livro de Rafael de Luna Freire aparece para compor a defasagem existente nesse tipo de literatura no que se refere às salas de cinema das pequenas e médias

cidade brasileiras. Dentre suas variadas qualidades estão a possibilidade de amplificação do alcance de público para os escritos cinematográficos e a notável contribuição para o conhecimento do meio exibidor de uma cidade brasileira que, certamente, ensejará outros aportes.

Bibliografia Citada

AVELLAR, José Carlos. Em busca do templo perdido. In: GONZAGA, Alice. *Palácios e poeiras: 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Record: FUNARTE, 1996. p. 9-10.

FREIRE, Rafael de Luna. *Cinematographo em Nictheroy: história das salas de cinema de Niterói*. Niterói, RJ: Niterói Livros; Rio de Janeiro: INEPAC, 2012.

SOUSA, Márcia C. S. (Márcia Bessa). *Entre achados e perdidos: colecionando memórias dos palácios cinematográficos da cidade do Rio de Janeiro*. 2013. *Tese de Doutorado* em Estudos Interdisciplinares em Memória Social – PPGMS/UNIRIO, Rio de Janeiro.